

# *Sonetos*

## de Correia Garção

### ÍNDICE:

- Afortunado Eneias, que saíste
- Amigo, falo sério, saudosos
- Amigo Frei Joaquim, assim te eu veja
- Amigo Padre António, a Fonte Santa
- Amor nos olhos da formosa Clara
- Ante meus olhos anda Amor voando
- Ao brilhante poder do santo fogo
- Ao pelado Eliseu a rapazia
- Ao som da Fonte Santa que corria
- Ao som dos duros ferros que arrastava
- Apareceu o Padre António; estava
- A porto salvo com feliz carreira
- Batendo Amor as asas cintilantes
- Cantar Marília ouvi tão docemente
- Cheios de espessa névoa os horizontes
- Com a mão na rabiça e co'aguilhada
- Comigo minha Mãe brincando um dia
- Com soquete, lanada e bota fogo
- Contigo, Lídia, moram os Amores
- De beijos um cestinho Amor enchia
- Depois de atar o pobre barco, Algido
- De proceloso mar vejo cingida
- De teus celestes olhos namorado
- Doutor Henriques, o Garção doente
- Doze vezes o Sol com seus fulgores
- Em magnífica cena a fantasia
- Era alta a noite, a lua prateada
- Espargindo dourados resplendores
- Espírito gentil do Esposo amado
- Faze versos, meu Tirse; a linda Clara
- Foi-se embora o Delfim! Como ficamos
- Inda a vermelha Aurora sonolenta
- Inda que abrindo a boca o Mar irado
- Infeliz onde estou? São estas brenhas
- Já de trás do casal vem ressurgindo
- Lacaios, mulher, filhos e criadas
- Lutando com mil sustos, mil pesares
- Mísero gandaieiro do Parnaso
- Não cobre vastos campos o meu gado
- Não louves, caro Tirse, a rouca lira

- Não se paga de versos a saudade
- Não te direi que as Graças, que os Amores
- Na solitária praia a ruiva areia
- Numa galé mourisca aferrolhado
- Numa sonora roda que, girando
- O louro chá no bule fumegando
- Ontem se foi daqui Nise formosa
- Os antigos poetas fabulando
- Pinto fidalgo, embaixador da Mancha
- Pisando mil estrelas radiantes
- Pôr Cerastes e Górgonas lançada
- Por entre crespas serras de enrolado
- Quais as portas de Jano aferrolhadas
- Qual a mansa novilha que, inocente
- Qual saudosa mãe que da ribeira
- Que é dele o cabeção do P. António?
- Quem de meus versos a lição procura
- Quem vem! lá? Quem nos honra? Este estudante
- Quem viu o P. António? Um clérigo alvo
- Salve formoso Dia, alegre Dia
- Se, Beliza gentil, pudera crer-te
- Se como tu Amor mandas e queres
- Se eu soubera, Marília, que vivia
- Sujos Brontes estão arregaçados
- Também me lembra a mim que já tiveste
- Três vezes vi, Marília, de alva lua
- Tu és Dirceia, filha do Tirreno
- Vão de valor, vão de fortuna armados
- Vejo na vasta cena do futuro

## I

Quem de meus versos a lição procura  
Os farpões nunca viu de Amor insano,  
Nem sabe quanto custa um vil engano  
Traçado pela mão da Formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura  
Fuja de ouvir contar tamanho dano,  
Que a desabrida voz do Desengano  
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que há-de chorar, vendo patente  
Em tão funesta e lagrimosa cena  
O cadafalso infame e sanguinoso.

Verá levado à morte um inocente,  
E condenado a vergonhosa pena  
O mais fiel amor, mais generoso.

## II

### *À Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcelos*

Lutando com mil sustos, mil pesares,  
Com desprezos, enganos e rigores,  
A teu rosto gentil, olhos traidores,  
Templos lhe consagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lágrimas a mares  
Degolavam as vítimas Amores:  
Ara cruel! Suspiros, mágoas, dores  
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou, Marília, de mudar-te o dia;  
Teias, secure, pira, vasos, fogo,  
Tudo rompestes, tudo aos pés pisaste.

Triunfou, triunfou a tirania,  
Mas apesar do altivo desafogo  
Ilesa a fé, ileso o amor deixaste.

### III

#### *À mesma Senhora*

Em magnífica cena a fantasia,  
Entre festões de estrelas radiantes,  
Teus angélicos olhos triunfantes,  
Gentil Marília, me mostrou um dia.

O sol de teus cabelos se esparzia  
Por colunas e frisos rutilantes;  
Aos pedestais atados, mil amantes  
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas asas brandamente,  
Voavam Esperanças e Desejos,  
Co'as Graças abraçadas, c'os Amores;

Mas retinindo um silvo, de repente,  
A cortina caiu: males sobejos!  
Só mágoas vi depois, só vi temores.

#### IV

##### *À mesma Senhora*

Os antigos Poetas fabulando  
Inspirados por Deuses se fingiram,  
Com o Olimpo sonharam e mentiram,  
A falsos Numes torpes aras dando.

Eneias pio, ao Bátratro levando,  
Ver Elisa outra vez lhe permitiram;  
E umas sombras, que ávidas o viram,  
Memoraram o caso miserando.

Para honrar de seu canto a melodia,  
Procuraram desta arte engrandecê-la  
E quase foram tidos por divinos:

Eu mais fama darei à Poesia,  
Se um instante sonhar, Marília bela,  
Que são dos olhos teus meus versos dinos.

V

*À mesma Senhora*

Cantar Marília ouvi tão docemente,  
Que o coração, prostrados os sentidos,  
Imaginou que até pelos ouvidos  
Seus olhos o assaltavam de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,  
Quais entram na alma os olhos seus, movidos  
Com formoso desdém, quando rendidos  
Pisa desejos mil tiranamente.

O poder milagroso da harmonia,  
Que no peito em triunfo campeava,  
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao carro fatal atado andava,  
Se era vê-la, ou ouvi-la não sabia:  
Sei que os novos grilhões não estranhava.

VI

*À mesma Senhora*

Se eu soubera, Marília, que vivia  
O doce Amor nos olhos teus formosos,  
Em meus sublimes versos numerosos  
O dia de teus anos cantaria.

Qual brando Orfeu co'a força da harmonia,  
Dos íngremes outeiros pedregosos,  
As altas faias, álamos frondosos  
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vãs fábulas invento,  
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,  
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, se não me engana o pensamento,  
Farei que o Mundo todo namorado,  
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

## VII

Cheios de espessa névoa os horizontes,  
Espantosas voragens vêm saindo!  
Foi-se o Sol entre nuvens encobrindo,  
Voltando para o mar os quatro Etontes.

Caiu a grossa chuva pelos montes,  
Os incautos pastores aturdindo;  
E engrossados os rios vão cobrindo  
Com embate feroz as curvas pontes.

Com medonho estampido, pavorosos,  
Os longos ecos dos trovões soando,  
A rezar nos pusemos temerosos.

Parou a chuva; correm sussurrando  
Os torcidos regatos vagarosos;  
Não me atrevo a sair, fico jogando.

## VIII

Se, Beliza gentil, pudera crer-te  
Exposto a todo o mal, todo o tormento,  
Esperara, voando o pensamento,  
Com suspiros e lágrimas mover-te.

Ousado cometera, enfim, render-te  
Sem a pena temer do atrevimento,  
Pois, para ter desculpa o meu intento,  
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,  
De desprezos, traições e tiranias,  
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem à luz, de teu sereno. rosto,  
Com que meus tristes olhos alumias...  
Posso crer que te vejo, se te vejo.

## IX

Ao som da Fonte Santa que corria,  
Na alva borda do tanque debruçado,  
De cansados desejos já cansado,  
O triste Coridon adormecia:

Em doce sonho imaginando via  
De Beliza gentil o rosto amado,  
Que na trémula veia retratado  
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,  
Em vão aperta a límpida corrente,  
Em vão lhe está com lágrimas dizendo:

– Se, folgas de que morra um inocente,  
Porque foges de mim, Ninfa, sabendo  
Que Amor me mata quando estás presente?

X

Qual a mansa novilha que, inocente,  
Pelas pontas de louros enramada,  
A duro sacrificio vai puxada  
Sem temer a secure reluzente,

Só conhece que morre quando sente  
O frio gume na cerviz cravada,  
– Então, mas tarde já, desenganada,  
Ao Céu se queixa da malvada gente!

– Tais, Beliza cruel, a teus ouvidos  
Voam meus rudes, inocentes versos,  
Sem merecer desprezos, nem rigores;

Quando os virem, porém, ensurdecidos,  
Quando forem pisados e dispersos,  
Debalde espalharão tristes clamores.

XI

*À Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyao*

Amor, que mil ciladas me traçava  
Lá de trás de uma verde gelosia,  
Com uns pequenos olhos me feria  
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retiniu a frecha, que voava,  
Já noto o pobre coração sentia;  
E o sangue que das veias me corria  
Com lágrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo  
Arrancar da ferida os passadores;  
Cravados dentro na alma me ficaram.

E desde então que sempre os olhos vejo,  
Esses olhos pequenos e traidores,  
Que, para me matar, me não mataram.

XII

*À Senhora D. Elena Filipa Xavier Navarro.*

Contigo, Lídia, moram os Amores,  
Moram as Graças, Lídia, na verdade,  
Que no reino de Amor a liberdade  
Sempre viveu sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores  
Amor as armas tem na claridade;  
Como há-de voar livre uma vontade  
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguém solto se vê, se chega a ver-te;  
Por mais livre que traga o pensamento,  
Há-de amar-te, servir-te e obedecer-te.

Negar o cativo não intento,  
Pois, inda que quisera não querer-te,  
Nunca livre me vira, nunca isento.

### XIII

Espargindo dourados resplendores  
De teus anos, angélica Maria,  
Nasce o ditoso, o suspirado dia,  
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a tenra de orvalhadas flores  
Em sinal de prazer e de alegria,  
Das frutas alternando a melodia,  
Travam coreias Ninfas e Pastores.

Pelas côncavas fragas retinindo  
O brando som de versos sonorosos  
Teu nome estão os montes repetindo.

E os Sátiros campestres, cobiçosos  
De ver os olhos teus, teu gesto lindo,  
Se penduram dos álamos frondosos.

#### XIV

Amigo Frei Joaquim, assim te eu veja  
Vigário de Pondá ou Taprobana,  
Assim voltes à barra tagitana,  
Que pana seu cachopo te deseja;

Assim permita o Céu, assim proveja  
Que, farto de charão e porçolana,  
Tragas veste, calção de linha ousana,  
Por solidéu na tola uma bandeja;

Assim, naire montado num camelo  
Arrastando as gualdrapas pela rua,  
Passeies por Lisboa a passapelo;

Assim digas, assim, por vida tua,  
A quem sabes que adoro com disvelo  
Que esta alma, dantes minha, agora é sua.

XV

*Aos Anos do Coronel de Artilharia Frederico Weinholtz*

Com soquete, lanada e bota-fogo  
Armado vi Amor; tinha assestados  
Em plataforma cem canhões dourados,  
Com que ao Mundo fazia um vivo fogo.

No serviço cruel, sem desafogo,  
Ferviam seus alígeros soldados,  
As balas eram olhos magoados,  
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos danos:  
– Que é isto, lhes bradei, moços traidores? –  
Sorrindo me respondem os tiranos:

– Weinholtz, que ao gesto lindo, que aos ardores  
De Fílis se rendeu, hoje faz anos;  
Tão bom dia festejam os Amores.

## XVI

O louro chá no bule fumegando  
De Mandarins e Brâmenes cercado;  
Brilhante açúcar em torrões cortado;  
O leite na caneca branquejando;

Vermelhas brasas alvo pão tostado;  
Ruiva manteiga em prato mui lavado;  
O gado feminino rebanhado,  
E o pisco Ganimedes apalpando:

A ponto a mesa está de enxaropar-nos.  
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,  
Com teus discretos ditos alegrar-nos.

Se vens, ou caia chuva, ou breme o vento,  
Não pode a longa noite enfastiar-nos,  
Antes tudo será contentamento.

## XVII

Depois de atar o pobre banco, Algido,  
Algido pescador do Tejo undoso,  
Enquanto o bravo Noto proceloso  
Revolve as negras ondas insofrido,

Entre limosas lajens recolhido,  
De Dinamene o nome saudoso  
Na lisa bóia de um chinchorro algoso,  
Suspirando, entalhou c'o anzol torcido;

Depois três vezes o beijou, dizendo:  
– Quais serenam teus olhos meus pesares,  
Teu nome o mar serene –. E ao mar o lança.

Súbito o céu azul se ficou vendo:  
Desfaz-se a branca espuma pelos mares;  
Adormecem os ventos em bonança.

## XVIII

Vejo na vasta cena do futuro  
Do trágico Destino a face acesa,  
E de Espectros cobrir a redondeza  
O nebuloso céu, o pólo escuro.

Rasgar-me o peito e coração figuro  
Da torpe Inveja a bárbara fereza.  
Da fome crua, esqualida pobreza  
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constância e sofrimento;  
Monstros feros, Cerastes assanhando,  
Paciência e valor põem a tormento.

O que mais é, que a vida prolongando,  
Se ceva e nutre o meu entendimento  
Do espectáculo feio e miserando.

## XIX

Numa sonora roda que, girando,  
Desmancha de seus raios a figura,  
Com delicada mão de neve pura  
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando  
Co'a doce boca de rubim procura;  
Mas Amor, que ciladas aventura,  
Em torno ao louro fio anda voando.

Pesados sobre as asas meus Desejos  
O capitão ousado vão seguindo  
'Té que a molhar o fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubaram-lhe mil beijos.  
Vê o triste os ladrões ir já fugindo,  
E pede-me que o furto lhe entregasse.

XX

Ao brilhante poder do santo fogo  
De teus formosos olhos vencedores,  
Que do suave Tirse são senhores,  
Se acolhe, humilde, meu humilde rogo.

Que ampires, gentil Clori, peço e rogo,  
Se podem comover-te meus clamores,  
A quem chora da Sorte os desfavores  
Sem que em lágrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina  
Do teu e nosso Tirse a que se doa  
Da mofina e misérrima pobreza;

E, qual Tirse na cítara divina  
Teu lindo rosto angélico apregoa,  
Cantarei de tua alma a gentileza.

XXI

*Ao Senhor Teotónio Gomes de Carvalho, Sócio da Arcádia*

Ante meus olhos anda Amor voando,  
Não cruentos virotes espargindo,  
Mas triste e magoado o rosto lindo  
Lágrimas cristalinas derramando.

Não ousado e soberbo, humilde e brando,  
Esmola pede a tenra mão abrindo:  
Se lhe digo que espere, alegre e rindo,  
Me vai mil esperanças amostrando.

Meto a mão na algibeira, acho só versos.  
– De versos, me diz ele, quem se veste?  
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os Fados tens achado adversos;  
Mas pede a Teotónio que te empreste  
Um dobrão de seis mil e quatrocentos.

XXII

*Aos Anos do Senhor Teotónio Gomes de Carvalho*

Salve formoso Dia, alegre Dia  
Que os olhos viste abrir a Tirse amado!  
Sempre sejas feliz, abençoado,  
Cheio de glória, cheio de alegria.

A luz que tuas horas alumia  
Mil vezes torne ao Tejo prateado;  
E o roxo Sol no carro seu dourado,  
Atropele os Frisões da Noite fria,

Formoso, alegre Dia, pois nos deste  
Um limpo coração, amparo, abrigo  
Da espantosa, misérrima pobreza,

Que dádiva do Céu não nos trouxeste!  
Ah! que um amigo, e na desgraça amigo,  
Não o pode fazer a Natureza.

XXIII

*Aos Anos do mesmo Senhor*

Não te direi que as Graças, que os Amores  
Com suave prazer, doce alegria,  
Salvando, caro Tirse, o teu bom dia,  
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi que as ninfas, que os pastores,  
Atroando a fragosa serrania  
Com singela, campestre melodia,  
Cantam os anos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras e pungentes,  
Na choça estão de Coridon cantando  
A triste mãe, os filhos inocentes:

Não ao som de áureas liras modulando,  
Mas com devotas lágrimas ardentes  
Pela vida de Tirse ao Céu clamando.

XXIV

*Ao mesmo Senhor*

Não louves, caro Tirse, a rouca lira  
Do rude Coridon, triste forçado,  
Que à toste da galé aferrolhado,  
Se deseja cantar, chora e suspira.

O lasso pensamento nunca tira  
Do duro remo, do grilhão pesado:  
Se se lembra do seu antigo estado,  
Atónito e frenético delira.

O mar a cada instante lhe apresenta  
Trágicas cenas de futuras mágoas,  
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta  
Serenos torna o furor das águas,  
Lhe dás alegres mostras de bonança.

XXV

*Cor.* – Faze versos, meu Tirse; a linda Clara  
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.

*Tir.* – Mas que versos farei, que possam tanto  
Que branda torne minha sorte avara?

*Cor.* – A luz dos olhos seus formosa e clara  
Foi quem na alma te deu fatal quebranto.

*Tir.* – São o doce veneno, são o encanto  
Com que Amor as cadeias me prepara.

*Cor.* – Teus ais magoados, teus fiéis ardores  
Poderão abrandar tanta dureza:  
Suspira, que bem ouve os teus clamores.

*Tir.* – Se suspiros abrandam a beleza,  
Brandos espero ver, cheios de amores,  
Os olhos em que vive esta alma presa.

XXVI

*Ao P. Francisco José Freire, mandando-lhe pedir tabaco espanhol*

Quais as portas de Jano aferrolhadas  
Onde presa mugia a Guerra dura,  
O entupido nariz o embate atura  
Do teimoso vaivém das más pitadas.

As pretas sobranceiras carregadas,  
Com torvo gesto, feia catadura,  
Sorvo e torno a sorver; e a mão já fura,  
Em vez de abrir, as ventas desfloradas.

Debalde o marrafão empurro e meto;  
Alojado na brecha o mormo grosso,  
Com um rodeiro malho atocha o taco.

O remédio será corno ou espeto,  
Se me não mandas já, por esse moço,  
Do macio espanhol louro tabaco.

XXVII

Numa galé mourisca aferrolhado,  
Ao som do rouco vento que zunia,  
Sobre o remo cruzando as mãos, dormia  
O lasso Coridon, pobre forçado.

Em agradáveis sonhos engolfado,  
Cuidava o triste, que o grilhão rompia,  
E que entre as ondas Lília branda via  
Talhar c'o branco peito o mar salgado.

De vê-la e de abraçá-la cobiçoso  
Estremeceu, tentando levantar-se,  
E os fuis da cadeia retiniram:

Acordou ao motim, e pesaroso,  
Querendo à rude chusma lamentar-se,  
Só mil suspiros, só mil ais lhe ouviram.

XXVIII

*À calva do Padre António Delfim, amigo do Autor*

Era alta a noite, a lua prateada  
Já no sereno céu resplandecia,  
E a corrente do Tejo parecia,  
De ferventes estrelas marchetada.

Então Canídia bela, destoucada,  
Descalço o lindo pé, filtros urdia,  
Em torno de uma loisa que se abria,  
De medonhos Espectros rodeada.

Regougavam no cume dos outeiros  
Esfaimadas raposas; na floresta  
Lhe respondiam mochos agouzeiros.

Brama Canídia, e aos lémures ligeiros  
Unhar mandou do bom Delfim na testa  
De finado cabelo alguns milheiros.

XXIX

*Ao Padre Delfim*

Foi-se embora o Delfim! Como ficamos?  
Ah tirano Delfim, que nos deixaste!  
Contigo o prazer nosso nos levaste,  
Por ti aflitos sem cessar chamamos.

Em vão cansadas lágrimas choramos:  
Desta pobre choupana te enfadaste?  
Depois que a nossos olhos te negaste,  
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!  
Da triste noite os fúnebres horrores  
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!  
Água fervendo para nós é fria,  
O chá de três mil réis, é chá de dores.

XXX

*À calva do mesmo*

Ao pelado Eliseu a rapazia  
(Enxame de formigas inquietas)  
Com apupos batendo-lhe palmetas:  
– Ergue-te, ó calvo - em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria;  
E deitando a correr, as sapatetas  
No calcanhar tangiam castanhetas,  
Cujo som pelas ruas retinia.

Assim, c'reca Eliseu, Delfim António,  
Fugiste de entre nós a passapelo?  
Parece que foi cousa do Demónio!

De cada vez te falta mais cabelo.  
Clérigo calvo é Clérigo bolónio;  
Mas ainda assim, tomáramos nós vê-lo.

XXXI

*Ao Padre Delfim*

Não se paga de versos a saudade,  
Nem de relva se farta o manso gado;  
O campo que do gelo foi crestado,  
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creiam, se é verdade  
Que este Círio te deve algum cuidado,  
Não estejas em casa encoquinado:  
Foge, foge da mísera Cidade.

Estes campos te esperam com mil flores;  
A Fonte Santa seus cristais desata;  
Sem ti o nosso pranto se não seca.

Desprezas o agasalho de pastores?  
Pois se de aparecer aqui não trata,  
Fazemos-lhe sequestro na rebeca.

XXXII

*Ao fogo de um monte de tojo em Alcântara, aludindo à calva do Padre Delfim*

Por entre crespas serras de enrolado,  
Negro fumo, o clarão se despargia  
De um incêndio voraz, que à vista ardia  
Do dono da fogueira descorado.

Soavam crebros golpes do machado  
Com que a mestrança intrépida batia;  
A pesada calceta retinia:  
Estava imenso povo embasbacado.

Achicavam as bombas sequiosas;  
Marcha em fileiras a guerreira gente:  
Nunca no céu se viu lua tão alva!

C'o reflexo das chamas luminosas  
Brilha do Tejo a tímida corrente  
Qual brilha do Delfim ao sol a calva.

XXXIII

*Ao Padre Delfim*

Quem viu o P. António? Um clérigo alvo,  
Olhos azuis, as faces mui rosadas,  
Castanhas as melenas estiradas,  
E na brunida testa um pouco calvo?

Quem mo trazer aqui a são e salvo,  
Certo, não perderá suas passadas.  
Na verdade, que há horas minguadas!  
E deixei-o fugir? Sou um papalvo!

Vai tu, Manuel, pergunta a toda a gente  
Se conhecem um padre rabugento  
Que gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como um vento,  
Vai pregar um escrito a São Vicente,  
E põe outro na rua de São Bento.

XXXIV

*À calva do mesmo*

Com a mão na rabiça e co' aguilhada,  
O colono vilão, os bois picando,  
Abre o comprido rego, a terra arando  
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,  
Rebenta, a verde cana levantando;  
E, no quente verão, do vento brando  
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores  
Lançam por terra os esquadrões viçosos;  
Da carnagem cruel nenhum se salva:

Assim andam Demónios malfeitores  
Ceifando nas cabeças de tinhosos,  
Assim Delfim a tua se fez calva.

XXXV

*Ao Padre Delfim*

*Manuel* – Apareceu o Padre António; estava  
Escondido num covão de galinhas;  
Para caber meteu-se de gatinhas,  
E nem que pinto fora assim piava.

*Eu*. Quem? O Padre António, que tocava  
Diversos minuets e modinhas,  
Cuja calva em funções de Ladainhas  
Entre cinzentas c'roas alvejava?

*M.el* – Esse mesmo. *Eu*. Quem fez tão bom  
achado?

*M.el* – Certo atravessador que, mui contente,  
Entre capões o tinha pendurado;

Mas viu, que lhe dizia toda a gente:  
Como está manso pelos pés atado!  
Se o soltarem, vai dar a São Vicente.

XXXVI

*Ao Padre Delfim*

Também me lembra a mim que já tiveste  
Mais cabelo na calva luzidia;  
E me lembro também de que algum dia  
De vir conosco estar gosto fizeste;

Nem me esqueço de quando nos tangeste  
(Por sinal que cigarra parecia)  
A rebeca, que a todos aturdia,  
Até que coitadinho endoideceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.  
O mofino do moço deu-te olhado,  
Foi o mesmo que ver-te lobisomem.

Agora andas cumprindo com teu fado:  
Só gostas de comer o que eles comem,  
Depois de digerido e transmutado.

XXXVII

*À calva do Padre Delfim*

Por Cerastes e Górgonas lançada,  
Do mirrado Cassinni a sombra fria  
Passa do lago Averno a gritaria,  
Sobre as asas da Noite reclinada.

Das veneráveis Densas avexada  
Teme não rompa cedo o claro dia;  
E acossada dos cães freme, assovia,  
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,  
E ao som medonho da infernal calceta  
Súbito quebra o sono mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua  
Para traçar o giro de um cometa  
Que há-de crestar a grenha a todo Mundo.

XXXVIII

*Ao Padre Delfim*

Inda a vermelha Aurora sonolenta,  
Os olhos esfregando, mal abria  
A dourada Manhã, e a luz do dia  
No Tejo se encostava macilenta,

Das nuvens o teatro representa  
Íris formosa, que fugir se via  
Do sossegado mar da Trafaria,  
Triste sinal da próxima tormenta,

Quando três, quatro, seis, e oito vezes  
O inquieto Delfim por mim chamava,  
Os lombos despegando-me do leito.

Falou, tossiu, tocou, e em tais revezes,  
Quando cuidei que sossegado estava,  
Fez-me os versos fazer que tenho feito.

XXXIX

*Ao Padre Delfim*

Qual saudosa mãe que da ribeira  
Bradando aflita, em lágrimas banhada,  
C'o amado filho, de quem era amada,  
Vê da praia fugir a nau ligeira,

Tal nossa saudade verdadeira,  
De te não ver aqui desesperada,  
Sente que da aflição a alma cansada  
Está chegada à hora derradeira!

Tristes, mudos, aflitos e chorosos,  
Uns para os outros nem sequer olhamos:  
Que longos são os dias invernosos!

E se às vezes as trombas levantamos,  
Pelo Padre Delfim, dele saudosos,  
Uns aos outros a medo perguntamos.

XL

*Ao Padre Delfim*

Que é dele o cabeção do P. António?  
Onde tem o chapéu, mais a bengala?  
Francisca, vê se podes apanhá-la:  
Fugir-nos se intentava, era bolónio.

Ora anda, rapariga do demónio;  
Espera, escuta se ressona ou fala.  
Acordaste-lo? Valha-te uma bala;  
Pois perdeu duas missas Santo António.

Deus te salve, Delfim, muito bons dias:  
Queres chá ou café? A Misses Rosa  
Tem ordem de fazer-nos as fatias.

Quanto esta manhã fresca é deliciosa,  
Quanto de inverno são as noites frias,  
Para nós tua vista é saborosa.

XLI

*Ao Padre Delfim*

Amigo Padre António, a Fonte Santa  
Sem ti não vale nada: descontentes  
Convidados, amigos e parentes,  
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta  
Ouvir súplicas tão impertinentes.  
Uns, dizem que virás; outros, que mentes,  
Que deixaste o bordão que teso canta.

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,  
Magotes e magotes de mulheres,  
Umas assim assim, outras caraças.

Sege te mandarei, se sege queres;  
Não te peço senão que agora faças  
O que fizeste já noutros Prazeres.

XLII

*Ao Padre Delfim*

Amigo, falo sério, saudosos  
Pelo nosso Delfim todos chamamos,  
Às portas e janelas perguntamos,  
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos  
E crestados do pranto que choramos.  
Às mangas sem cessar nos assoamos,  
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente  
De teus velhos amigos, coitadinhos,  
Que sem ti sol não acham que os aquente.

Quais piam pela mãe os pintainhos,  
Assim chama por ti toda esta gente,  
Parentes, convidados e vizinhos.

### XLIII

Na solitária praia a ruiva areia  
Com a luz da manhã resplandecia;  
De inquietas estrelas se cobria  
O fundo pego que sonoro ondeia.

De branca espuma na cerúlea veia  
O gado de Proteu sulcos abria;  
Glauco da barca as redes desprendia,  
O lanço consagrando a Galateia.

Mas suspendeu as chinchas, assustado,  
Vendo boiar do Tejo na água pura  
O coral roxo, o múrice dourado.

Ouve uma voz bradando: «Quem procura  
Profanar este dia consagrado  
Da engraçada Corina à formosura?»»

XLIV

*Aos Anos da Senhora D. Maria Eufrásia*

Pisando mil estrelas radiantes  
As celestes Virtudes vêm descendo,  
Com as cândidas mãos c'roas tecendo  
De louro não, de imensos sóis brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes  
O Tempo voador estão prendendo,  
À longa eternidade obedecendo  
Quietos os alígeros Instantes.

Do fulvo Tejo as Ninfas que admiraram  
A luz que pelas águas se estendia,  
Um às outras com prazer lembraram

Que as eternas Virtudes neste dia  
Para habitar dos altos Céus baixaram  
No coração heróico de Maria.

XLV

Ontem se foi daqui Nise formosa,  
Nise nosso prazer, nossa alegria:  
Tornou-se em feia noite o claro dia,  
Cobriu-se o Sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa  
Inconsoláveis lágrimas vertia,  
E a tarde, que mil ditas prometia,  
Oh quão triste nos foi, quão amargosa!

Neste espanto fatal um desgraçado,  
Que por Nise em amor todo se inflama,  
De Nise tão cruel assim se queixa:

– Se o mundo todo fica tão mudado,  
Quando foges de quem em vão te chama,  
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

XLVI

*Aos Anos da Senhora D. Camila*

Doze vezes o sol com seus fulgores  
De teus anos dourou, Camila, o dia,  
E doze vezes cheios de alegria  
Empenaram as setas os Amores.

C'roada a Primavera de mil flores,  
Pelos campos aromas espargia,  
O mesmo Céu de estrelas se cobria:  
Brilhavam da Virtude os resplandores.

Jazem na fresca relva os armentios,  
E os pastores, tocando nas avenas,  
Modulam o teu claro nascimento.

Murmuram brandamente os alvos rios,  
Correm sonoras fontes mais serenas,  
Tudo respira enfim contentamento.

XLVII

*A uma Senhora, a quem o Autor chamava sua Mãe*

Comigo minha Mãe brincando um dia,  
A namorar c'os olhos me ensinava;  
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,  
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,  
Porque incapaz do ensino me julgava;  
Porém tanto a lição me aproveitava  
Que suspirar por ela já sabia.

Em poucas horas aprendi a amá-la.  
Ditoso se tal arte não soubera:  
Não me custara a vida não lográ-la.

Certo, que aprender menos melhor era,  
Pois não soubera agora desejá-la,  
Nem de tão louco amor enlouquecera.

XLVIII

*A Jerónimo Henriques de Sequeira*

Doutor Henriques, o Garção doente  
Vai-se achando pior, a febre atura;  
A face cada vez está mais dura,  
Tratando mal de mim toda esta gente.

Cuido que vejo a fouce reluzente,  
Na descarnada mão da Morte escura,  
Ante os olhos girar, e a má figura,  
Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Um bando de atrocíssimos pecados  
Resenha estão fazendo em outra parte,  
Terço de tabaréus mal encarados.

Que poderei fazer senão chamar-te?  
Teu nome, se me livras de cuidados,  
Cantando espalharei por toda a parte.

## XLIX

Três vezes vi, Marília, de alva lua  
Cheio de luz o rosto prateado,  
Sem que dourasse o campo matizado  
A linda aurora da presença tua.

Então subindo à terra calva e nua,  
De um íngreme rochedo pendurado,  
Os olhos alongando pelo prado,  
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Ali comigo vinham ter pastores  
Que meus suspiros fêrvidos ouviam  
Cortados do alarido dos clamores.

Tanto que a causa de meu mal sabiam,  
Julgando sem remédio minhas dores,  
Por não poder-me consolar, fugiam.

## L

Lacaios, mulher, filhos e criadas  
Todos clamando estão pelas fogueiras  
Quais gritam marafonas regateiras,  
Pela taxa ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas  
Lhes mostro sem pataca as algibeiras;  
Elas, que são ladinhas e matreiras,  
Trazem papel e penas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça  
Para cabeças ou barris dinheiro,  
Que o Luís irá lá a toda a pressa.

Que remédio! Despacho um caminheiro,  
Pois temo que me queimem a cabeça  
Ou me ponham por mastro no terreiro.

## LI

Já de trás do casal vêm ressurgindo  
O Pedro e Fr. Joaquim; eis que da Fonte  
Rebenta o bom Mardel no preto Etonte,  
E c'o chapéu na mão se vem já rindo.

Na janela aparece o rosto lindo  
Que não é justo, amigo, que te conte;  
Saltam os dois a terra ali defronte;  
As raparigas vão de cá saindo.

Jaz Francisco Raimundo de barrete  
Em trajes de Confúcio ou de Mafoma,  
Os gentis olhos baixa Aónia santa.

O Pedro corre a mão pelo topete,  
Depois de cochichar o chá se toma:  
Eis aqui o *Long Room* da Fonte-santa.

## LII

Inda que abrindo a boca o Mar irado  
Os dentes mostre em borbotões de espuma,  
Ou nos abismos rápido se suma,  
Ou caia das estrelas despenhado;

Inda que o Oceano denodado  
C'o grão tridente dardejar presuma,  
E que o mísero corpo me consuma,  
De cerúleos Delfins atassalhado;

Inda que Europa, com fragor estranho,  
Submergindo-se seja a campa minha,  
Servindo-me os Antípodas de lastro;

Qual impávido Séneca no banho  
Com os dedos fazendo tisourinha,  
Repetirei a história de Alencastro.

### LIII

Se como tu, Amor, mandas e queres  
Que admire de Tirceia a formosura,  
Igual à que me abrasa chama pura  
Em seu peito invencível acenderes;

Se em seus divinos olhos tu poderes  
Claros sinais mostrar-me de ternura;  
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,  
Que benigna me atenda, enfim venceres;

Então direi, Amor, que és poderoso,  
Que te é devida nossa idolatria,  
E que podes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tirceia ingrata, impia  
Cedendo a meu destino rigoroso,  
Destes suspiros faça zombaria.

LIV

*Ao terramoto do primeiro de Novembro de 1755*

Afortunado Eneias, que saíste  
Da destruída Tróia carregado  
Com o peso feliz do Pai amado,  
E assim as leis do sangue bem cumpriste;

Também nessa piedade resististe  
Ao direito fatal do injusto Fado:  
Se viste o pátrio ninho destroçado  
Salvo quem te deu ser, ditoso, viste.

Os penates, os sócios transportaste  
Ao Lácio porto, aonde achaste abrigo,  
Onde um novo Paládio colocaste.

Eu provei mais cruel Fado inimigo:  
A Pátria vi arder: tu a salvaste;  
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

LV

*A sua Mulher, a Senhora D. Maria Ana Xavier de Sande e Salema*

Ao som dos duros ferros que arrastava,  
A lira de ouro Coridon tangia:  
De Márcia o doce nome repetia,  
Mas no meio do canto, soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,  
O lagrimoso pranto reluzia,  
E nos olhos, que aos altos Céus erguia,  
O pensamento intrépido voava.

Não se assombra de ventos insofridos,  
Nem com ousado lenho arar intenta  
O pólo do futuro nebuloso;

Menos chora terrenos bens perdidos.  
De pouco um peito grande se contenta:  
Antes quer ser honrado que ditoso.

## LVI

Sujos Brontes estão arregaçados  
Batendo o rubro ferro, e, retinindo  
Os rijos malhos, vão ao ar subindo  
Estelantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados  
Aparecem mil elmos reluzindo;  
Na forja a labareda está zunindo,  
Impelida dos foles engelhados.

Cristalino suor alaga a testa  
Do coxo mestre; a calma da oficina  
À fresca Viração as asas cresta.

Forjavam uma seta colubrina;  
Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta  
À vista dos bons olhos de Coma.

LVII

*À Morte de Félix Coutinho*

Espírito gentil do Esposo amado,  
Que, sobre as asas de Virtudes santas,  
Muito acima dos astros te levantas  
Do misérrimo corpo desatado;

Ante o sólio de estrelas recamado,  
Já do grande Adonai o nome cantas,  
E do perpétuo dia não te espantas  
Que a nossos mortais olhos é vedado.

Se o purpúreo semblante a nós volvendo  
(Nova constelação resplandecente),  
A terra, lá do Céu, inda estás vendo;

Não te cansas de nosso amor ardente,  
Que este pranto, que vês estar correndo,  
Que viva cá sem ti me não consente.

LVIII

*Contra José Basílio da Gama*

Quem vem lá? Quem nos honra? Este estudante,  
Que das Musas quer ter o magistério,  
Aprendeu com varões do sacro império,  
Porém se tolo foi, veio ignorante.

Examinado ele, é um pedante,  
Das Musas portuguesas vitupério.  
Foi criado no cálido hemisfério,  
Fidalgo pobre, cavaleiro andante.

Do alto monte que é aos céus vizinho  
Só ele o alado bruto enfreia e doma,  
Faz castelos no ar de cedro e pinho.

O louro, quando quer, despreza e toma:  
Arredem-se, senhores, dêem caminho,  
Passe o senhor quaqui, que vem de Roma.

LIX

*Contra um rancho satírico*

Pinto fidalgo, embaixador da Mancha,  
Tu Monteiro roaz, que na baralha  
Vales por espadilha da canalha  
Que a fama alheia com ferretes mancha;

Padre Niceno, tu, patrão da lancha,  
Carregada de drogas da antigualha  
Que o Bandeirinha alvar à toa espalha,  
Potro que noutro potro se escarrancha;

Capitão Arquimedes, tu zarolho,  
Manuel de Sousa que pareces Mendes,  
Que da récuá aproveitás o restolho;

Ulpiano venal... tu bem me entendes...  
Se para estas cousas tenho dedo e olho,  
Em peralvilhos jubilado tendes.

LX

Tu és Dirceia, filha do Tirreno,  
Eu um dos filhos sou do pobre Alceste,  
Mas nem por fado teu tal pai tiveste,  
Nem eu por culpa minha sou pequeno:

Bem sei que te pretende o rico Alceno,  
Mas, se peles e lãs mais finas veste,  
Tão bem no amor o venço qual cipreste  
Excede no robusto ao brando feno.

Deixa vaidades da justiça alheias,  
Não desprezes afectos e ternura  
Por teres mais cabritos e colmeias.

Faze Dirceia reflexão madura:  
Vê que a virtude própria em mim premeias  
E nele só premeias a ventura.

LXI

Não cobre vastos campos o meu gado,  
O maioral não sou da nossa aldeia,  
Do meu trabalho como, mas, Dirceia,  
Ainda que sou pobre, vivo honrado.

No jogo da carreira e do cajado  
Até o dextro Algano me receia.  
Qual loura espiga de grãosinhos cheia  
Me alegra ver teu rosto delicado.

Se queres minha ser, fala a verdade.  
Não vestirás as peles mais vistosas  
As finas lãs tecidas na cidade:

Trajarás das que eu trajo as mais mimosas,  
Fá-las-á de mais preço a sã vontade  
Com que quisera dar-te as mais custosas.

LXII

*Ao Padre António de S. Jerónimo Justiniano, Capelão do Coro de N. Senhora do Loreto da Nação Italiana.*

Mísero gandaieiro do Parnaso,  
Que para alimentar teu pobre estilo  
Das escórias tiraste do chirilo  
Com que da ideia encheste o tosco vaso:

Apolo faz de ti tão pouco caso  
Que, vendo que tu foste persegui-lo,  
Podendo te mandar beber daquilo,  
Mandou te desse fúria o seu Pégaso.

Essa fúria que o Pindo te dispensa  
Bem se vê que é de besta; no proluxo  
O dás a conhecer de uma obra extensa.

Deu-te Pégaso as águas de repuxo,  
Que Apolo, só se andasse de corrença  
É que podia dar-te o seu influxo.

### LXIII

Amor nos olhos da formosa Clara,  
Armado não de setas, de ternura,  
Cruéis vinganças implacável jura,  
Guerra fatal aos corações declara.

Dos brandos tiros que dali dispara  
Ninguém pode, ninguém fugir procura,  
Que do mesmo poder da formosura  
Nenhum peito de bronze se depara.

Seus lindos olhos com desdém movidos  
Pisam desejos mil, rendem mil peitos,  
Lançam por terra corações feridos.

Se esquivos causam tão cruéis efeitos  
Inda causam mais ânsias, mais gemidos  
Quando se deixam ver a amor sujeitos.

## LXIV

A porto salvo com feliz carreira  
Vai a Nau, sem temer de dar em seco,  
Vê com desprezo a ufana cruz de Meco,  
Passa, e não faz caso da Azeiteira.

Se armada em guerra sobre a tua esteira  
Te encontrar petulante algum chaveco,  
Prolonga-te por cima do Tareco,  
E ri-te quando vires a Bandeira.

Se der no fundo e vires que é Barrada,  
A aguda proa sobre o baixo mete,  
Verás que tudo se resolve em nada.

Já segura a vitória te promete,  
Pois, como era podre, e a gente levantada,  
Não teme Capitão, bem que Estoquete.

LXV

*Queixas de Amor*

De beijos um cestinho Amor enchia,  
E, depostos os duros passadores,  
Quais semeiam o trigo os lavradores  
Num campo os semeou todos um dia.

Daí a pouco com prazer se via  
A seara ferver toda em Amores,  
Que aos centos rebentavam entre as flores,  
De que o travesso deus folgava e ria.

Eu, que bem por acaso ali me achava,  
Um deles colho, e sobre o peito o prendo,  
Sem recear o mal que me aguardava:

Pois as tenras raízes estendendo,  
Pouco a pouco no coração mas crava  
Donde novos amores vão nascendo.

LXVI

*Motivo Amoroso*

Batendo Amor as asas cintilantes,  
Sem arco, sem farpões e sem aljava,  
Sobre esplêndida mesa ontem voava  
Por entre os áureos vasos escumantes.

Eu, que o vi sem as setas penetrantes,  
Seguro pelas asas lhe agarrava  
E numa grande taça o mergulhava,  
Vingar querendo os míseros amantes.

Ufano do sucesso, incautamente  
Todo o licor bebendo o vaso entorno  
À saúde da circunstante gente.

Mas ai triste de mim! Desde este caso  
No peito sinto Mongibelo ardente,  
E sem alívio ter, vivo me abraso.

LXVII

De teus celestes olhos namorado  
O meu rival, o bárbaro Cupido,  
Um dia m'assaltou enfurecido  
De seus cruéis ministros rodeado.

Pela feroz quadilha aferrolhado,  
Fui ante o fero Amor oferecido,  
Que, armada a dextra dum punhal buído,  
O terno peito me deixou rasgado.

Não satisfeito ao coração me aponta  
Três vezes, e em vão nele o encravara,  
Pois que sem o ofender se lhe desponta:

Absorto inquire a maravilha rara,  
Quando se descobriu, por sua afronta,  
Que ali a tua imagem me amparara.

## LXVIII

De proceloso mar vejo cingida  
De Amarílis a angélica morada,  
De veladores Argos vigiada,  
De adamantinas torres defendida.

Em vão, em débil barca, a embravecida  
Fúria do pego espero ver domada,  
Que encapelando-se a branca carne irada  
Quase no fundo a vejo submergida.

Mas, se nos seus olhos lúcidas estrelas  
Com amorosa luz fixa e constante  
Me guiam entre as hórridas procelas,

Eu vencerei as ondas triunfante,  
E, alucinando as fortes sentinelas,  
Farei cair os muros de diamante.

## LXIX

Infeliz, onde estou? São estas brenhas,  
Estes montes adonde Circe mora?  
Ó Fortuna cruel, enganadora,  
Que veloz para o dano me despenhas!

Como hei-de caminhar por estas penhas  
Se é tudo horror o que descobro agora?  
Cego fui: quem me vira daqui fora  
Antes que tu, tirana Circe, venhas!

Mas já a horrenda porta está patente,  
Treme a serra ao revolver dos guícios,  
E o sangue congelou-se de repente.

De que sai a matar vem dando indícios:  
Todos beijam a terra humildemente,  
Porém ela despreza os sacrifícios.

LXX

Vão de valor, vão de fortuna armados  
A devastar o mundo heróis valentes,  
E na testa de exércitos rompentos  
Voltem de mil despojos carregados.

Soltem ao vento mil pendões ganhados;  
Co'as já cativas numerosas gentes  
Rompam do mar as férvidas correntes  
Altas galeras de esporões dourados.

Entrem por Grécia e Roma, à generosa  
Sombra de arcos triunfais de palma e louro,  
Ouçam aclamações em verso e prosa:

Que eu mais ricos despojos entesouro  
Nos troféus da conquista gloriosa  
Duns olhos pardos, duns cabelos de ouro.

## VARIANTES

### SONETO LIX

Pinto fidalgo, Embaixador da Mancha,  
Tu Monteiro roaz, que da baralha  
És a vil espadilha da canalha  
Que a honra alheia com ferretes mancha:

Padre Niceno, tu patrão da Lancha,  
Carregado das drogas da antigualha,  
Que o Bandeirinha alvar à toa espalha,  
Potro que em outro potro se escarrancha:

Capitão Arquimedes, tu zarolho  
Manuel de Sousa, que parece Mendes,  
E da récuá aproveitás o restolho:

Ulpiano venal, que bem me entendes;  
Se para a cousa tenho dedo e olho,  
Em peralvilho jubilado tendes.

B. N. L., ms. 8582

## SONETO LIX

Pinto Fidalgo Embaixador a Mancha,  
Tu Monteiro Ruas que da canalha  
És a vil espadilha da baralha  
Que a honra alheia com ferretes mancha,

Padre Niceno bom patrão da lancha,  
Carregado das drogas da antigalha  
Que o Bandeirinha alvar à toa espalha,  
Potro que noutro potro se escarrancha,

Capitão Arquimedes, tu zarolho  
Manuel de Sousa que pareces Mendes.  
Que aproveitias da récola o restolho,

Ulpiano venal que bem me entendes,  
Se para a cousa tenho dedo e olho  
Em peralvilhos jubilados os tendes.

E. N. L., ms. 8584

### SONETO LXIII

Amor nos olhos da formosa Clara,  
Armado não de setas, de ternura,  
Duros castigos implacável jura,  
Guerra fatal aos corações declara.

Dos brandos tiros que dali dispara  
Ninguém pode, ninguém fugir procura,  
Que dos golpes cruéis da formosura  
Nem um peito de bronze se repara.

Seus lindos olhos, com desdém movidos,  
Prostram desejos mil, rendem mil peitos,  
Lançam por terra corações feridos:

Se esquivos causam tão cruéis efeitos,  
Quais serão os estragos dos vencidos  
Se os víreis acender a amor sujeitos?

B. N. L., ms. 8610

## SONETO LXIV

A porto e salvo, com feliz carreira,  
Vai a nau com temor de dar em seco,  
Vê com desprezo a ufana Cruz do Meco,  
Passa sem fazer caso da Azeiteira.

Se armado em guerra sobre a tua esteira  
Te encontrar petulante algum chaveco,  
Prolonga-te por cima do tareco,  
E ri-te quando vires a bandeira.

Se der em seco e vires que é varada,  
A aguda proa sobre o baixo mete,  
Verás que tudo se resolve em nada:

Já segura a vitória te promete  
Pois como é podre e gente levantada  
Não teme capitão bem que escopete.

B. N. L., ms. 8582

\*\*\*\*\*

Transcrição de Fernando Moreira baseada na edição de 1778 e na edição de Roma, confrontadas com a edição de António José Saraiva (Lisboa, Sá da Costa, 1958). Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*